

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



A SORORIDADE E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA: CONCEITOS-CHAVE NOS (DES)ENCONTROS DA EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA NA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA*

Sorority and Critical Interculturality: key concepts in the (non)relation of Solidarity Education and Popular Solidarity Education

Luciane Rocha Ferreira

Resumo

Este espaço abre oportunidade para a aproximação entre diferentes grupos, mulheres e homens, diálogos e experiências pedagógicas que enfrentam mundos que não nos representam. Momento de compartilhar e conhecer pessoas, metodologias, conceitos e práticas que empoderam a luta pela construção de um outro mundo. Neste contexto, este diálogo aborda a interconexão entre a dimensão da sororidade (LAGARDE) com o conceito de interculturalidade crítica (WALSH) como instrumentos de libertação. A reflexão nasce de um processo de doutorado em educação (2014-2018) que acompanhou dois processos educativos sobre a Economia Solidária no Rio Grande do Sul. A abordagem teórico-metodológica é a fenomenologia em Merleau-Ponty em diálogo com a Educação Popular em Paulo Freire; numa sistematização das experiências (JARA) em contexto de (des)colonialidade (STRECK & ADAMS). As leituras oferecem possibilidades dialógicas - epistemológicas, ontológicas e praxeológicas – densas para (re)construção paradigmática da ciência, da sociedade e do mundo.

Palavras-chave: Economia Popular Solidária. Sororidade. Interculturalidade crítica.

Abstract

This paper opens the opportunity to connect different groups, such as women and men, dialogues and pedagogical experiences that face worlds that do not represent them. Then, the time to share, meet people, methodologies, concepts and practices that empower the

* Recorte de uma pesquisa de Doutorado em Educação (2014-2018) produzida no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), financiada pela CAPES-Taxa, intitulada “Educação em Economia Popular Solidária: Experiências pedagógicas que libertam?”; orientada pelo professor Doutor Telmo Adams.

struggle to build another world. In this context, this dialogue discusses the interconnection between the dimension of sorority (LAGARDE and the concept of critical interculturality (WALSH) as instruments of liberation. The reflection came from a doctoral study in education (2014-2018) that followed two educational processes about the Solidarity Economy in Rio Grande do Sul. The theoretical-methodological approach is the phenomenology (Merleau-Ponty) in dialogue with Popular Education (Paulo Freire). Moreover, the systematization of experiences (JARA) in a context of (des)coloniality (ADAMS & STRECK). The readings offer possibilities of epistemological, ontological and praxeological's dialogues, which are dense for a (paradigmatic) re-construction of science, society and the world.

Keywords: Solidary Popular Economy. Sorority. Critical Interculturality.

Considerações Iniciais

A reflexão propõe a aproximação teórica entre epistemologias (des)coloniais que inspiram a delimitação de dimensões, conceitos e práticas paradigmáticas como estratégia de enfrentamento da lógica eurocêntrica do ser, do saber e do poder estabelecida. Este ensaio aborda as possíveis articulações teóricas, metodológicas e empíricas entre a dimensão da Sororidade e a abordagem da Interculturalidade Crítica.

Estas categorias teóricas foram fundamentais para ampliar as possibilidades semânticas, argumentativas e interpretativas em torno da compreensão das experiências empíricas acompanhadas em nosso processo de Doutorado em Educação (UNISINOS/2014-2018). O objetivo da pesquisa foi compreender o potencial paradigmático da educação em Economia Popular Solidária (EPS) com vistas à construção da liberdade possível.

O referencial teórico-metodológico tem por base epistemológica dimensões centrais da fenomenologia existencial merleau-pontyana¹ e da Educação Popular freireana². Nesta perspectiva, estabelecemos a interconexão entre as abordagens críticas de Marcela

¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. São Paulo: Edições Gallimard, 1971.

² FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.

Lagarde³ e Catherine Walsh⁴; relação percebida como ação educativa preñe de mediações pedagógicas e educativas⁵ existencialmente localizadas e historicamente situadas.

O artigo problematiza conceitos epistemológicos e ontológicos fundamentais em suas inter-relações com o universo pesquisante, ou seja, está molhado do contexto de luta vivenciado. Está organizado em três pontos: apresenta a compreensão de sororidade; destaca algumas características da interculturalidade crítica; tece aproximações entre estas epistemologias como base para mediações pedagógicas dialógicas libertadoras. Com isso, o desejo é colaborar com a reflexão sobre a importância de transcender lógicas eurocêntricas.

Aproximações com a Interculturalidade Crítica

A reflexão emerge/imerge da articulação de dimensões centrais de epistemologias feministas que são consideradas (des)coloniais por acolherem a intencionalidade de enfrentar os mundos institucionalizados arquitetados pelo paradigma eurocêntrico: um Sistema que mutilou e mutila mulheres e homens de diversas formas. Como mulher, pesquisadora de *si* e das existencialidades que vestimos, entendo que é responsabilidade social e política de todas e todos tecer diálogos que qualifiquem a luta por uma vida melhor.

Nesta perspectiva, estabelecemos a aproximação entre a Interculturalidade Crítica e a Sororidade com a compreensão de que ambas podem subsidiar a construção engajada da conscientização que liberta. Entendemos que a liberdade coabita mundos e territorialidades marcadas por contradições e conflitos; convive com a ambiguidade da incerteza de horizontes indefinidos; transita em realidades que carecem ser valorizadas.

Trabalhar na perspectiva destas epistemologias, com mulheres que não tiveram muitas experiências positivas com *si* e seus mundos, nos coloca na situação de reconhecer que a libertação proclamada no meio social muitas vezes representa um conceito abstrato. Isso porque o mundo, para muitas delas, parece ser regido por um destino obscuro que seria presunçoso desafiar⁶. Diante destes cenários, é importante entender que:

³ LAGARDE, Marcela. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016.

⁴ WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge *et al* (Orgs.). *Construyendo Interculturalidad Crítica*. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010.

⁵ STRECK, Danilo R; ADAMS, Telmo. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: CRV, 2014.

⁶ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo I: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência em 'em si', da liberdade em facticidade [...] Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência, sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender⁷.

A existência, nesta perspectiva, é base para experiências realmente significativas. A libertação, assim, carece de relações objetivas para que se torne possível. Esta compreensão faz parte da base dialógica assumida com Walsh⁸ em torno da reflexão sobre a Interculturalidade crítica e educação intercultural. Entendemos que esta discussão qualifica a prática teórica de base (des)colonial com vistas à libertação das pessoas pelo compromisso ético-estético-político da pesquisa engajada com contextos de luta por vida digna.

Neste contexto, é importante a problematização introduzida pela autora a respeito da relação ambígua presente nos três modos institucionais em que a interculturalidade se apresenta na sociedade: a relacional, a funcional, e o que ela denomina por crítica:

[...] relacional refere-se à forma mais básica e geral de contato e intercâmbio entre culturas [...] Nesta perspectiva, presume-se que a interculturalidade é algo que sempre existiu na América Latina [...] limitada ao contato e ao relacionamento [...] esconde ou deixa de lado as estruturas da sociedade - sociais, políticas, econômicas e também epistêmicas [...] as raízes funcionais reconhece a diversidade da diferença cultural, com metas para incluí-lo dentro da estrutura social estabelecida [...] uma lógica que apesar de reconhecer a diferença, mantém sua produção e administração dentro da ordem nacional, neutralizando-a e esvaziando-a do seu efetivo significado [...]; e interculturalismo crítico, nesta perspectiva, não começamos com o problema da diversidade ou da própria diferença, mas do problema estrutura-colonial-racial [...] A partir desta posição, a interculturalidade é entendida como uma ferramenta, como um processo e projeto que é construído a partir das pessoas⁹.

A autora destaca elementos fundamentais de cada perspectiva para problematizar os sentidos abstratos e as práticas alienadoras da lógica institucional instrumental. Sistema baseado em discursos interculturais dissimulados que pulverizam o potencial educativo presente na diversidade das diferenças. A proposta crítica deseja “distinguir-se da interculturalidade funcional ao sistema dominante; é concebida como um projeto político de

⁷ BEAUVOIR, 1970, p. 22-23.

⁸ WALSH, 2010.

⁹ WALSH, 2010, p. 77-78. (Tradução nossa).

descolonização, transformação e criação.”¹⁰ Assim, a autora apresenta a interculturalidade crítica como um projeto político-social-epistêmico-ético e uma pedagogia de-colonial.

As reflexões de Walsh nos levam a entender que o discurso intercultural se inscreve em contextos complexos e contraditórios onde a invisibilidade existencial de grupos sociais, étnicos e culturais distintos foi legitimada através de um processo histórico baseado em Sistemas de dominação/exploração de uns (o *Não-Ser*) pelos outros (o *Ser*)¹¹. Grupos inteiros foram submetidos à periferia de um mundo que cotidianamente (n)os nega, (n)os consome, (n)os colocou uns contra os outros, (n)os reduziu à mercadoria. Desta forma, a partir de uma lógica eurocêntrica, pessoas e culturas foram silenciadas, dizimadas, “coisificadas”.

Entendemos que a Interculturalidade crítica, neste contexto, é um projeto que se esforça para qualificar o enfrentamento à discriminação, ao racismo e as exclusões de ordem colonialista. Retoma dimensões vitais para colaborar com a formação de pessoas conscientes de suas diferenças, os tornando capazes de trabalhar lado-a-lado (aqui evidenciamos uma ponte com a intencionalidade política da sororidade) por outra realidade.

As dimensões radicais desta epistemologia encontram-se edificadas numa ontologia social engajada desde os “movimentos sociais, destacando seu significado contra-hegemônico, sua orientação em relação ao problema estrutural-colonial-capitalista e sua ação de transformação e criação.”¹² Penso que esta relação embrionária fortalece teoria e prática de forma complementar a partir do compartilhamento de horizontes e utopias revolucionárias.

Percebemos esta inter-relação na abordagem feita pela autora ao colocar a questão da transformação social como uma luta contra estigmas históricos que condicionam as relações estabelecidas pela matriz “da colonialidade que afirma o lugar central da raça, do racismo e da racialização como elementos constitutivos e fundadores das relações de dominação e do próprio capitalismo.”¹³ Lutas contra hegemonias (re)produzidas pela lógica vigente que convergem agendas, desafios e possibilidades para fortalecer o teórico-prático.

Estas reflexões evidenciam a necessidade de (re)pensar que visão de mundo nossas pesquisas e nossa atuação profissional estão ajudando a legitimar. Convocam a urgência por

¹⁰ WALSH, 2010, p. 76. (Tradução nossa).

¹¹ FRANTZ, Fanon. *Os Condenados da Terra*. Coleção Perspectivas do Homem, vol. 42, Série Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

¹² WALSH, 2010, p. 89. (Tradução nossa)

¹³ WALSH, 2010, p. 91. (Tradução nossa)

intercâmbios e redes transdisciplinares acadêmicas que possam promover o engajamento de coletivos preocupados com a qualidade de vida das pessoas. Questões macro estruturais são condicionantes questionáveis quando pessoas se mobilizam para agir de forma diferenciada onde estão inseridas. As condições para vivência de tal (re)significação carecem ser tecidas.

Trata-se de promover relações educativas e pedagógicas que nasçam do reconhecimento e pertença com vistas à quebra de paradigmas eurocêntricos; indica a “necessidade de visibilizar, confrontar e transformar as estruturas e instituições que possuem posições, práticas e pensamentos alienados dentro de uma lógica que é, ao mesmo tempo, racial, moderno-ocidental e colonial.”¹⁴

É, nesta medida, o desafio que representa viver a Interculturalidade crítica: reconhecer-se agente de transformação e uma realidade contraditória que não nos representa. Sem receitas, entre erros e acertos, a partir de um intenso processo dialógico entre modos de ser e pensar o mundo e nossas inter-relações: algo tecido por muitas mãos.

Aproximações com a Sororidade

A compreensão sobre a sororidade é tecida no diálogo com Marcela Lagarde¹⁵ que a concebe como uma aliança entre as mulheres. A autora apresenta a epistemologia enquanto uma dimensão política, ética, cultural, não um conceito. Um movimento que integra:

[...] uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva de mulheres que os leva à busca de relações positivas e à aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade com outras mulheres [...] é a consciência crítica sobre misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigma, e é o esforço pessoal e coletivo de dismantelar em subjetividade, mentalidades e cultura, em paralelo com a transformação da solidariedade [...]¹⁶

Desta forma configura-se, sobretudo, como um processo que carece ser tecido nas entrelinhas das relações sociais mais elementares que ocorrem em âmbito intra e inter-relacional entre as mulheres (e homens) – de forma endógena. Do modo como a entendemos, considerando a centralidade da discussão colocada em torno do “ser mulher”, suas especificidades e necessidades, a relação sororal não exclui os homens, antes, os inclui como parte do desafio da pedagogia proposta pela sororidade.

¹⁴ WALSH, 2010, p. 92. (Tradução nossa)

¹⁵ LAGARDE, 2016.

¹⁶ LAGARDE, 2016, p. 25-33. (Tradução nossa)

A autora problematiza a questão da necessidade de desmontar “o olhar misógino lançado para as mulheres e as condições do universo feminino de forma significativa, a partir da avaliação positiva das mulheres que emana de sua experiência.”¹⁷ Nesta perspectiva, a experiência é percebida enquanto dimensão pedagógica revolucionária, base paradigmática para transformações realmente significativas.

A sororidade, conforme a autora, se delinea a partir de situações cotidianas travadas nas relações sociais essenciais que envolvem a manutenção da vida. Desta forma, a dimensão carece ser tecida a partir do reconhecimento de si e da outra como semelhantes, da memória e da participação como dimensões pedagógicas, do empoderamento que nasce da construção ético-estética-política diferenciada da lógica eurocêntrica.

O (auto)reconhecimento é vital nesse processo. Esta construção exige todo um movimento de (re)significação das condições sociais, sexuais, espirituais, políticas e econômicas das mulheres. Aspectos que precisam ser valorizados por nós mesmas através da legitimação radical de nossos saberes, sabores e práticas: epistemologias do cotidiano.

Entendemos por epistemologias do cotidiano os saberes que nascem da prática *vivida* por muitas mulheres na dinâmica complexa pela subsistência da vida: a vivência da maternidade, a produção agroecológica e o preparo do alimento, o cuidado da casa, o uso medicinal de plantas, na sabedoria das rezas e danças que curam; nas estratégias para se equilibrar frente às jornadas triplas de cuidadora, protetora e mantenedora da família.

A Sororidade (Irmandade) valoriza dimensões básicas do existir, isso faz com que ela assuma características fundamentais à mediação educativa e pedagógica transformadora, como um ato de enfrentamento e utopia. Defende uma aliança entre mulheres que seja, ao mesmo tempo, um anúncio e uma denuncia de enfrentamento das realidades mascaradas e abstratas do ser mulher: “ser bela, recatada e do lar”.

Este enfrentamento exige, como já mencionado, um conjunto de condições, entre elas a mobilização da memória e da participação como dimensões pedagógicas: a memória pedagógica. Uma construção coletiva que nasce da valorização das histórias de vida, das experiências do trabalho doméstico, da mobilidade no universo da vida privada, dos enfrentamentos diários dos silêncios que nos jogam à margem de nossa própria história.

¹⁷ LAGARDE, 2016, p. 26. (Tradução nossa)

Esse conteúdo acolhe um conhecimento que pode ajudar as mulheres a transcender das realidades de opressão e violência. Nestes saberes da memória há sentidos e significados que são fundamentais para forjar o empoderamento engajado com a intencionalidade da construção de *si* enquanto escolha. Nesta territorialidade ontológica a liberdade, dimensão que nos é valiosa, esconde-se entre limites e possibilidades, pois entendemos que “uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define [...]”¹⁸

O cenário educacional, político, econômico e cultural passa por uma onda neoliberal que afoga a capacidade crítica de todas e todos; uma realidade social que nos traga a uma vida condicionada, alienada e limitada de diversas formas. Neste contexto desfavorável é urgente que se resignifique as formas de ser e perceber o mundo.

É necessário, assim, forjar instrumentos, estratégias, epistemologias ético-estética-política diferenciadas da lógica eurocêntrica. A sororidade, nesta perspectiva, é uma proposta ousada, mas elementar que nos provoca a olhar para *si*, para as outras (e outros) e nossos mundos de forma amorosa e solidária; permitindo-nos *ser* mulheres e *viver* a escolha na medida do possível.

Diálogos e convergências entre Interculturalidade Crítica e Sororidade

Os diálogos e convergências entre estas epistemologias (des)coloniais, apesar de serem marcadas por abordagens distintas, são percebidas em muitas direções. Entre eles identificamos a radicalidade da necessidade do reconhecimento; a Interculturalidade crítica se ocupa com a lógica eurocêntrica que perpassa a questão das diferenças e da diversidade; a Sororidade se refere à dimensão ontológica do ser mulher, suas inter-relações e condições.

As abordagens são distintas, porém enfrentam realidades que se (des)encontram dialeticamente, referem-se a dimensões macro - micro situadas e historicamente interdependentes:

[...] seu projeto não é simplesmente reconhecer, tolerar ou incorporar os diferentes dentro da matriz e as estruturas estabelecidas. Pelo contrário, é implodir - a partir da diferença - nas estruturas coloniais do poder como desafio, proposta, processo e projeto; é re-conceituar e reencontrar estruturas sociais, epistêmicas e

¹⁸ BEAUVOIR, 1970, p. 69.

existenciais que colocam em prática e em relação equitativa diferentes lógicas culturais, práticas e modos de pensar, atuar e viver¹⁹.

Como uma construção que reconhece as semelhanças e as diferenças entre as pessoas, a dimensão da sororidade objetiva, sobretudo:

Defender de ataques, agressões e qualquer forma de violência e abuso, o desrespeito aos nossos direitos humanos, a prevenção da autocomplacência, a vitimização e a opressão das mulheres são os objetivos políticos éticos da irmandade, feminismo, alcançar seu impacto social, cultural, jurídico e político é outro objetivo vinculante da aliança sororal²⁰.

O universo dos enfrentamentos, lutas e utopias compartilhado por estas epistemologias podem ser evidenciadas em muitas convergências:

Desde os seus primórdios, o interculturalismo significou uma luta em que questões como a identificação cultural, o direito e a diferença, a autonomia e a nação estão em constante disputa [...] a genealogia do seu uso no campo da educação é marcada por uma série de motivos, tensões e disputas²¹.

Este contexto é a arena de onde a sororidade busca motivar as mulheres a encontrarem inspiração para tecer “a identificação que permite enfrentar as desigualdades ocultas nas diferenças e não procura construir um de nós idêntico, mas precisamente, um reconhecimento entre diferentes e afirmar a diversidade e enfrentar as várias formas de opressão.”²² Nesta perspectiva, identidade e reconhecimento fazem parte da (re)significação necessária à construção da libertação possível.

O encontro dialógico entre estas epistemologias assenta-se, especialmente, na compreensão ampla da questão histórica, social e cultural que incide sobre nossa constituição humana. Diante deste cenário, problematizam a necessidade de anunciar/denunciar as realidades que não nos representam. Nesta perspectiva, as autoras apresentam suas reflexões teóricas como projetos, dimensões que não cabem em definições rasas, fragmentadas ou abstratas, mas são movimentos que desejam valorizar e integrar a pluralidade do existir:

[...] O interculturalismo crítico não é um processo ou projeto étnico, nem é um projeto de diferença em si mesmo. Em vez disso, como argumenta Adolfo Albán

¹⁹ WALSH, 2010, p. 79 (Tradução Nossa).

²⁰ LAGARDE, 2016, p. 27. (Tradução nossa)

²¹ WALSH, 2010, p. 79. (Tradução nossa)

²² LAGARDE, 2016, p. 29.

(2008), é um projeto que visa a (re)existência e a própria vida, para uma "outra" realidade e uma "outra" forma de viver - com "viver" e de sociedade²³.

Todas as formas de confrontação misógina entre as mulheres constituem uma inimizade patriarcal que visa a desidentificação do gênero [...] através da conversão das diferenças em obstáculos intransponíveis e em razão de fobia e rejeição [...] a inimizade entre as mulheres é resultado da organização patriarcal do mundo e é estimulada na educação e socialização do gênero das mulheres [...] Em contraste com esse fenômeno, como parte do paradigma feminista baseado na ética e na política democrática entre as mulheres, temos desenvolvido a sororidade²⁴.

O horizonte de luta contra a lógica eurocêntrica estabelecida é compartilhada pelas epistemologias (des)coloniais da interculturalidade crítica e da sororidade. A base revolucionária para construção de uma sociedade mais justa, para a valorização das diferenças e da diversidade, o enfrentamento com vistas à superação da situação de violência contra mulheres e homens está alicerçada no compromisso com a libertação. O desafio inerente em cada perspectiva teórica encontra-se alojado na realidade carente de vida, ausente de referências: um mundo que não nos contempla.

Contudo, entre diálogos e convergências, aproximações/distanciamentos, as discussões apresentam um conjunto interessante de possibilidades teóricas, metodológicas e práticas. Abordam dimensões importantes que podem subsidiar a construção de mediações pedagógicas e educativas engajadas com as experiências de vida e de trabalho das mulheres. Um processo endógeno contra os estigmas patriarcais historicamente dados.

Considerações Finais

Ser mulher é muito mais que as leituras machistas, abstratas, improdutivas e passivas possam ousar representar. Ainda hoje sua função é rotular os sentidos e os significados amplos e complexos que acolhem ser mulher. Leituras rasas e empobrecidas que desconhecem as necessidades do *corpo próprio* em sua dimensão de abrigo, acolhida, proteção, vida, individualidades e tantas outras questões específicas. Nesta perspectiva, a dimensão da sororidade é introduzida para qualificar o enfrentamento, a resistência e a superação das situações de invisibilidade, desvalorização e extermínio das mulheres.

A sororidade encarna uma dimensão *holística* que carece nascer entre nós mesmas. Uma experiência que nos foi negada; fomos sabotadas em nossa capacidade de pensar, de escrever, de nos compreender como seres de possibilidades. Tais perspectivas estão

²³ WALSH, 2010, p. 88. (Tradução nossa)

²⁴ LAGARDE, 2016, p. 28.

banhadas de desafios: Ver-nos como semelhantes, valorizar a memória e a participação como estratégias pedagógicas; as condições para viver a sororidade; o empoderamento e a ética-estética-política diferenciada. Cada dimensão carece ser revisitada e (re)significadas, pois são ilhadas por uma complexa rede de relações de poder, de saber, de ser.

A interculturalidade crítica proposta por Walsh é um projeto que carece ser assumido por todas e todos que desejam colaborar com a transformação da realidade que vivemos. Os discursos funcionais e relacionais introduzidos são ferramentas poderosas que diluem e cegam os interesses capitalistas que os (re)produzem. Compreender esta dinâmica é fundamental para tecer propostas encarnadas com o contexto político.

O compromisso da pesquisa, da pesquisadora e do pesquisador colonizado²⁵ é, sobretudo, denunciar as injustiças anunciando as possibilidades de enfrentamento e superação. Nada está dado de forma absoluta, nada se dá sem contradições e conflitos, avanços e retrocessos. Tudo se movimenta com luta e reconhecimento, com estudos e articulações; com amorosidade, solidariedade, sororidade, esperança e fé.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo I: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

FRANTZ, Fanon. *Os Condenados da Terra*. Coleção Perspectivas do Homem, vol. 42, Série Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.

LAGARDE, Marcela. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. São Paulo: Edições Gallimard, 1971.

STRECK, Danilo R; ADAMS, Telmo. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: CRV, 2014.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge *et al* (Orgs.). *Construyendo Interculturalidad Crítica*. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010.

²⁵ FANON, 1968.